
Marighella e Mano Brown sob a ótica (e os textos) de Reinaldo Azevedo: de 2012 para os seus antes e os seus depois¹

Lucas Guimarães RESENDE²
Universidade Federal de Minas Gerais, MG

RESUMO

Este artigo pretende pensar nas figuras do guerrilheiro Carlos Marighella e do rapper Mano Brown a partir dos textos publicados pelo jornalista Reinaldo Azevedo, partindo do texto “Mano Brown, o maior intelectual da esquerda contemporânea, celebra Marighella, o arrancador de perna e defensor do assassinato de inocentes” (2012) como central na investigação. Tal notoriedade não se dá como centro cronológico, por “um antes” e “um depois”, mas como ponto de emergência e convergência de certas discussões que perpassam o próprio texto e o tempo, relacionadas (e relacionáveis) com outros textos - e contextos -, e outras posições temporais.

PALAVRAS-CHAVE: Reinaldo Azevedo; texto; contexto; comunicação; racismo.

INTRODUÇÃO

Esta investigação que busca entender e situar percepções do jornalista Reinaldo Azevedo sobre o guerrilheiro Carlos Marighella e o rapper Mano Brown será conduzida a partir do texto “Mano Brown, o maior intelectual da esquerda contemporânea, celebra Marighella, o arrancador de perna e defensor do assassinato de inocentes” (2012), e se desdobrará em relações possíveis de serem traçadas junto ao interior de outros textos do jornalista e também de exterioridades. A relevância do texto central se dá por uma relação efervescente com o que acontecia no Brasil. No ano de 2012, a Comissão Nacional da Verdade (CNV) estava em curso, o jornalista Mário Magalhães lançava uma biografia de Carlos Marighella pela editora Companhia das Letras, e o documentário Marighella, de Isa Grinspum Ferraz, era lançado junto ao clipe de “Mil Faces de um Homem Leal”, música dos Racionais MC’s em homenagem ao guerrilheiro. Era em um Brasil erupçado em disputas de passado, presente e futuro, em

¹ Trabalho apresentado no GP Comunicação, Alteridade e Diversidade, XXIII Encontro dos Grupos de Pesquisas em Comunicação, evento componente do 46º Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Mestrando do Programa de Pós-Graduação da UFMG, e-mail: lcsguimares1@gmail.com.

um ano que Marighella, morto há 42 anos, voltava às ao centro do debate, que o jornalista Reinaldo Azevedo escreveu na Veja sobre Marighella e Mano Brown juntos.

O texto surge a partir do clipe citado, que condensa, mistura e *mixa* duas figuras que o jornalista já demonstrava interesse. Pretendemos, então, investigar o texto sem isolá-lo no espaço e no tempo. Para isso, outros 12 textos de autoria de Azevedo que dizem respeito a Mano Brown ou Marighella foram localizados e participam da análise -, que tem como maior finalidade, entender quem Reinaldo Azevedo evoca ou evocava ao falar tanto do guerrilheiro quanto do rapper.

O tempo tem papel fundamental na discussão. Os textos localizados caminham de 2007 a 2023, e tensionar esses textos e temporalidades se faz crucial na compreensão das percepções do jornalista às figuras, admitindo, assim, de antemão, que não há um imobilismo estático, nem de Reinaldo Azevedo, nem de Marighella e Brown. Nessa instabilidade, os sujeitos se transformam juntamente com suas percepções e as percepções dos outros a eles.

Aqui, mais do que entender como aconteceram as transformações de Reinaldo Azevedo nos últimos anos - já que esta é uma tarefa pouco efetiva e atravessada por subjetividades que por vezes não incidem na esfera pública-midiática -, interessa-nos perceber as ações de rememoração, insistências, esquecimentos, e mudanças que percorrem o dito e o não-dito de um alguém que *vive para opinar*.

Neste artigo, então, é proposto um mergulho nas relações que emergem do texto de 2012, em conversa (ou ruptura) com outros textos do mesmo autor. Compreender tons possíveis das palavras de um dos grandes jornalistas em relevância de seu período, especificamente sobre uma grande figura histórica ligada à resistência à ditadura civil-militar brasileira e suas disputas por memória, e um dos grandes cantores da história brasileira e que tenta-se marginalizar, mostra-se de notável relevância para dizer de um Brasil que não se fixa inerte em um passado.

1. Reinaldo Azevedo em: do "facínora" Marighella ao "monumento do pensamento contemporâneo" Mano Brown

Nascido em 1961, com carreira notória no jornalismo desde a década de 1990, Reinaldo Azevedo é um dos principais jornalistas políticos brasileiros. Colunista e radialista de grande relevância, Azevedo escreve na Folha de S. Paulo desde 2013 e no

UOL desde 2019, além de um programa diário na Rádio BandNews FM e transmitido também no YouTube, onde alcança recorrentemente marca superior a 200 mil visualizações por programa na plataforma³. O jornalista foi colunista da revista Veja por mais de 11 anos, entre junho de 2006 e maio de 2017 - esta coluna sendo somente on-line a partir de outubro de 2009. O texto trabalhado no cerne desta pesquisa insere-se neste recorte - publicado no blog do jornalista na Veja em 21 de maio de 2012, intitulado “Mano Brown, o maior intelectual da esquerda contemporânea, celebra Marighella, o arrancador de perna e defensor do assassinato de inocentes”.

O texto se materializa a partir do fato do grupo de rap paulistano Racionais MC's ter participado do documentário “Marighella”. A canção-tema da produção, “Mil Faces de um Homem Leal”, é composição dos Racionais, cantada por Brown, sobre o guerrilheiro da Ação Libertadora Nacional (ALN). Porém, a coluna de Azevedo é escrita a partir do texto da Folha de S. Paulo que trata do clipe dos Racionais; já que o clipe mesmo seria lançado somente em julho, e o documentário em agosto de 2012. Azevedo, então, contesta a jornalista Laura Capriglione, que escreve a matéria em questão, além de tratar das duas figuras que já lhe interessavam: Carlos Marighella e Mano Brown. Após a abertura de seu texto, o jornalista traz um trecho da matéria da Folha de S. Paulo para retomar adiante criticando o escrito de Capriglione. Azevedo desdobra críticas, então, à jornalista, à imprensa que adoraria Brown, ao Partido dos Trabalhadores, à Comissão Nacional da Verdade, Carlos Marighella, e Mano Brown.

Trechos sugerem uma grande conexão dos temas, como “Vejam como tudo se encaixa na Lei da Barbárie” e “Tudo faz um sentido danado!”. Começa-se por Marighella, em voga em 2012 pelo documentário já citado, pelo livro de Mário Magalhães que sairia em outubro, e pelas discussões acerca dos crimes cometidos pela ditadura brasileira por meio da CNV instaurada em 2011, que é questão de interesse da coluna de Reinaldo Azevedo. O guerrilheiro, aqui, é “terrorista arrancador de perna e que escreveu um Minimanual da Guerrilha em que defende abertamente o terrorismo, inclusive com o assassinato de inocentes e a sugestão de ataque a hospitais”.

O colunista chama Marighella de “facínora”, e, em outro momento, evoca novamente a ideia de “arrancador de pernas”. Azevedo ironiza que, para Laura

³ Na semana entre 12 e 16 de junho, os programas de Azevedo “O É da Coisa” tiveram como média 235 mil visualizações em dados extraídos no dia 18 do mesmo mês a plataforma de vídeos YouTube.

Capriglione, “Marighella era só um ‘guerrilheiro morto pela ditadura’”. E segue: “Orlando Lovecchio (ler post) que o diga. Pagou com a própria perna” - fazendo referência ao texto de si mesmo, de dezembro de 2011. Nesse outro texto, o colunista novamente cita que, no minimanual, Marighella “ensinava, de modo meticuloso, como e por que matar inocentes” (AZEVEDO, 2011, s/p), e conta a história de Orlando Lovecchio, que teve amputação em uma perna após uma explosão no consulado norte-americano em São Paulo, em 19 de março de 1968, que seria “um enredo em que a vítima é punida, e o bandido, beneficiado”. Em um trecho, Azevedo deixa entender que a explosão foi causada por Marighella: “Ele (Orlando Lovecchio) se preparava para ser piloto. Marighella não deixou porque, afinal, queria mudar o mundo, não é?” (AZEVEDO, 2011, s/p). No livro sobre Marighella de 2012, Mário Magalhães cita sobre o caso que a ação fora mesmo da ALN, mas o líder da organização, Marighella, “estimulava a autonomia de quem não tinha que pedir autorização para empreender ‘atos revolucionários’”; e que Marighella “vetava danos a pessoas sem vínculo com a ditadura” e “jamais reivindicou a autoria” da ação de tal explosão (MAGALHÃES, 2012, p. 286). De volta à coluna de 2012, Azevedo ainda diz que Marighella “aleijava quando não matava”.

Enquanto Marighella aparece como o “facínora” violento, o rapper Mano Brown é ironizado em diversos momentos. Brown seria o “monumento do pensamento contemporâneo”; e, antes de trazer uma aspas do rapper na Folha Online, ironiza o dito pelo cantor, dizendo que “fala como urbanista e analista político”. Em outro momento ataca a arte produzida pelo rapper, ao comentar a música dos Racionais à Carlos Marighella: “Quem exalta Marighella numa música, sendo aquele facínora quem era, está obrigado a dividir os próprios bens com os pobres que servem de massa de manobra para suas rimas sem-teto e sem-verso”.

O colunista diz que “não há dia em que não cheguem comentários que apelam à linguagem mais agressiva e ao mais baixo calão”, e que, da última vez, alguém teria prometido matá-lo com um fuzil. Azevedo fecha, então, as ideias ao final do texto: “Peguem o conjunto da obra. O pacote aponta para a glamourização da ilegalidade e da violência, cantando-se, de quebra, as glórias de Marighella, que aleijava quando não matava”.

O texto ainda emana comentários relacionando Marighella e Brown a outros pontos da conjuntura brasileira. Um destes começa citando que “certa vez esse sujeito foi ao Roda Viva” - referindo-se a entrevista do rapper ao programa em 2007 - “disse lá as suas barbaridades”. Azevedo completa da seguinte forma: “Na plateia, fingindo-se de entrevistadora, Maria Rita Kehl — aquela que está na Comissão da Verdade e não quer apurar os crimes de Marighella, que seu ídolo agora idolatra”. Em outro momento sobra para a imprensa; Brown e o Racionais teriam percebido que “a imprensa que eles adoram detestar adora amá-los e transformá-los em grandes pensadores”. É na última frase do texto que o colunista cita indiretamente o mensalão por via de um membro do PT. Após ironizar que “Mano Brown é hoje o mais sofisticado pensador da esquerda brasileira”, Azevedo completa isto pois a filósofa Marilena Chaui não teria terminado “a defesa de Delúbio Soares”.

Amarra-se Brown, Marighella, a imprensa e a esquerda brasileira em uma coluna que nomeia e confronta seus alvos. Como Dutra (2020, p. 7) pontua sobre o clipe de “Mil Faces de um Homem Leal”, vencedor de “Clipe do Ano” da MTV Video Music Brasil, há “constantes mixagens das figuras de Brown e Marighella” na produção, bem como o passado e o presente que também são mixados pelo DJ, uma das figuras centrais no rap. Aqui, no texto de Azevedo, os dois também são mixados; é o inimigo número um da ditadura, como Marighella teve como alcunha, e o rapper “terrorista”, como Brown mesmo se denominou em entrevista em 1998⁴, em um só a ser combatido pelo colunista da Veja. Marighella não pode ser o “super herói mulato” que Brown versa e homenageia. E o rapper, segundo constrói o texto, precisa ter seu aparente *status* de pensador cassado. Os dois, violentos, se unem em prol do que seria uma glamourização da violência - daquela de 1969 e a de 2012.

2. Marighella e Mano Brown separados e mixados por Reinaldo Azevedo em mais textos

Marighella e Mano Brown não emergiram na produção de Reinaldo Azevedo no instante do texto de 2012 bem como não se fixaram nele. Assim, surge a necessidade de

⁴ Em entrevista à revista ShowBizz, em 1998, Brown diz: “Não sou artista. Artista faz arte, eu faço arma. Sou terrorista”(OLIVEIRA, , p. 32).

se traçar marcas do guerrilheiro e do rapper nos textos do jornalista. Foram localizados 12 textos - além do que serve de base ao trabalho -, que caminham entre 2007 e 2023.

Carlos Marighella, o guerrilheiro que fundou a organização mais ativa da luta armada contra a ditadura⁵, aparece em outros cinco textos com posição notória. Além de presente no texto central de 2012 e do texto sobre Loveccnio em 2011, o colunista coloca em outras oportunidades que o guerrilheiro defenderia atos violentos contra inocentes; “ações violentas em hospitais” (AZEVEDO, 2016, s/p), e seria um “facínora” (AZEVEDO, 2018a, s/p).

Já em texto de 2010, Azevedo lista nomes de pessoas que teriam sido mortas por “terroristas de esquerda”. O colunista cita, então, o nome de Estela Borges Morato, seguido da explicação: “Morta a tiros quando participava da operação em que morreu o terrorista Carlos Marighella” (AZEVEDO, 2010a, s/p), e o mesmo é colocado sobre o protético alemão Friederich Adolf Rohmann. Porém, as duas mortes que Azevedo atribui aos “terroristas”, são, como coloca Sena Júnior (2019, s/p), uma “farsa”, uma “fake news”. A falsidade histórica reverbera que o “perigoso marginal, juntamente com seus comparsas, resistiu à prisão” e, na ação que Marighella acabou morto, a investidora policial também foi acertada e morta. Contudo, não houve qualquer resistência de Marighella, que estava sozinho e desarmado. Como Gaspari (2002, p. 106) escreve e, posteriormente, Magalhães (2012, p. 422) explica: os tiros que vitimaram a investigadora e o protético foram disparados pelos próprios agentes do regime depois de já terem matado Marighella. Um carro, o de Friederich Adolf Rohmann, que não tinha nada a ver com a história, avançou a rua interditada pela polícia. Os agentes pensaram ser a “guarda” de Marighella e alvejaram o veículo, assassinando o alemão, e alguns tiros acertaram também os agentes da repressão, como Estela Borges Morato.

De volta à produção de Azevedo sobre o rapper do Capão Redondo - periferia paulistana -, foram localizados outros sete textos que o rapper é citado. Percebe-se uma insistência no que Azevedo chama de “glamourização da violência” no texto de 2012. Chama, também, de “glorificação da violência e da chamada cultura da periferia” (2007a, s/p), e sugere - questionando - se o “salve” de Mano Brown seria o mesmo

⁵A fama chegou no jornal The New York Times no dia seguinte da tomada da Rádio Nacional, liderada pela ALN, em agosto de 1969: “O matutino americano mencionou um coronel brasileiro, segundo o qual ‘o grupo de Marighella é o mais bem organizado, o mais ativo e o mais agressivo’”(MAGALHÃES, 2012, p.347).

“salve” do PCC - organização criminosa paulistana. Em outra ocasião, citou novamente a organização criminosa, quando relembra da entrevista de Brown ao Roda Viva de 2007: “disse barbaridades que Marcola, o líder do PCC, não teria coragem de dizer” (AZEVEDO, 2013, s/p).

Outra percepção de Azevedo presente nos textos sobre o rapper passa por uma “burrice” que Brown teria. O colunista se mostra incomodado com a presença do cantor no programa Roda Viva: “Lembro-me de um antigo Roda Viva com esse cara — sim, ele foi convidado e foi tratado como pensador”(AZEVEDO, 2010b, s/p). Em outro momento, Brown é ironizado como “aquela mistura de Kant, Schopenhauer e Robin Hood putativo dos segundos cadernos dos jornais paulistanos”; Azevedo segue, no mesmo texto, dizendo já ter escrito “vários *posts* sobre as boçalidades habitualmente ditas pelo líder dos Racionais MC’s” (AZEVEDO, 2013, s/p). Em seu podcast, em 2022, ao entrevistar o comediante Gregório Duvivier, Brown relata perceber essa construção quando é imitado ou alvo de humor: “A maioria dos humoristas me coloca como um cara burro, tem um perfil que eu posso ir até pro lado racial, social. (...) Eu vejo neles uma atitude racista. Essa coisa de colocar um cara preto ou um cara pardo como um cara violento é o estereótipo” (BROWN, 2022, 1:36:10).

Por vezes a ironia de Azevedo acompanha um comentário crítico ao que Mano Brown produz artisticamente, como quando descreve o rapper como alguém “que ganha dinheiro de trouxa estuprando a língua portuguesa e fazendo cara de mau” (AZEVEDO, 2010b, s/p). Em outro texto, Azevedo traz trechos de músicas dos Racionais MC’s de formas diferentes das originais - separando palavras, modificando gírias e escrevendo algumas frases de modo incongruente com a letra propositalmente. “Bandido mau” vira “bandi do mal”; e “ei, Brown, se pá é a contagem, morô, mano? Aí, eu vô desligar, mas manda um salve pros mano” vira “ai brown ai mano eu vo desliga, mais tu manda um salve pros mano”; ao fim dos trechos, o colunista ironiza a letra: “Poema? Como o de Drummond?” (AZEVEDO, 2007a, s/p).

O que Azevedo faz, assim, é o que Bagno (2015, p. 25) caracteriza como preconceito linguístico, ao selecionar variedades estigmatizadas da língua portuguesa em detrimento de marcar o que seria a variedade prestigiada, a “correta”. Nascimento (2019) desenvolve e potencializa a questão ao colocar a raça como centro da discussão. Assim, ao entender o entrelaçamento entre o preconceito racial, social e linguístico, o

autor propõe trabalharmos com a ideia de racismo linguístico. Assumindo, então, que língua tem cor e raça, percebe-se que as demarcações na língua servem a um reforço do que seria o “correto” - dito por uma pequena parcela da sociedade, os mais brancos e com acesso ao consumo (NASCIMENTO, 2019, p. 44). O autor denomina o que seria uma “indústria do bom português” - neste caso incluímos, sem fazer grande esforço, Reinaldo Azevedo -, e diz não ver motivos para não a pensar como racista.

Brown ao falar como fala, ao compor como compõe e ao cantar como canta, é alguém colocado em seu lugar por Azevedo, impensável de ser ao lado dos grandes nomes da arte ou da história. A seleção de palavras que o colunista utiliza demarca o local que o rapper poderia ocupar. Sintetizado como “rebelde primitivo” por Azevedo (2010b, s/p), Brown é novamente deslocado, no que Mbembe (2018, p. 86) chama de um inconsciente racial da política negra do mundo contemporâneo. É no “falso saber e na primitiva psicologia”, em um atraso civilizatório, no negro como figura natural de “cegueira de consciência” que Brown aparece como primitivo, como “corpo desertado pela inteligência” (MBEMBE, 2018, p. 80). Divide-se, mais uma vez, sociedades civilizadas - ou parcelas civilizadas de uma sociedade - das primitivas - de “mentalidade selvagem”. Pensa-se, então, nessa lógica, aproximar o humano do animal irracional, até que no negro enxergue-se características animais a ponto da tarefa de distinguir humano e animal seja impossível (MBEMBE, 2018, p. 267)

Mesmo que em nenhum texto localizado de Azevedo sobre Marighella e Brown até 2023 a raça seja colocada explicitamente pelo autor, é de constatação que ela é presente nas formas e figuras de controle que o colunista evoca ao tratar do guerrilheiro e do rapper. Marighella é alguém sem nenhuma virtude política se não a violência cruel e irracional contra qualquer um, inclusive inocentes. Mano Brown é alguém que nada teria da relevância política e social que dão a ele como pensador, seria um sujeito burro, que falaria “boçalidades”, que não saberia falar, e que glorificaria a violência - ou seja, por consequência, seria também violento.

3. O tempo (e a raça) em jogo: o novo Mano Brown de Reinaldo Azevedo enquanto Marighella declina em meio ao sucesso

Na finalidade de discutir atravessamentos temporais na produção do jornalista aqui abordado, previamente urge um ponto de discussão indispensável analiticamente.

Para se discutir texto e contexto a partir dos materiais localizados de Azevedo, é fundamental entender o que Ribeiro, Martins e Antunes (2017, p. 6) tratam como “chave preciosa para a compreensão dos fenômenos sócio históricos”. Considerando-se um jogo meticuloso onde os contextos fazem parte do texto ao mesmo tempo que os textos também produzem os contextos, seria nessa “orquestração contrapontual das vozes” - da dinâmica entre discursos para contexto, e contexto para discursos - “que os sentidos sociais se produzem” e, assim, tomaria um caminho prévio e possível para tensionar tais relações.

Importa-se compreender, então, que os contextos não aprisionam ou estabilizam o fenômeno - não são uma relação de causa e efeito. Os contextos dão a materialidade e a dinamicidade - ainda sob instabilidades - ao texto. Não há, de nenhuma forma, uma realidade prévia; existem, na verdade, jogos de poder vividos e experienciados que tentam significar e estabilizar “um contexto” dentro do texto. Nessa perspectiva os textos de Reinaldo Azevedo são índices de tais jogos pautados em um Brasil, que podem ou não refletir e reverberar em larga escala, mas que, a todo modo, impacta e é impactado no que tange a produção de contextos. Constitui-se, desta forma, seleções e operações de sentidos que Reinaldo Azevedo propõe a partir de figuras - Marighella e Brown - que já existiam tanto nos escritos do colunista quanto fora. São propostas do jornalista que tentam abrir e fechar sentidos acerca do guerrilheiro e do rapper.

Por isso é, também, de grande importância assumir uma pluralidade dos textos, proposta por Barthes (1970, p. 13), que entende que não há nem um “lado de fora” do texto, nem uma totalidade do texto. Ao considerarmos, então, os textos como detentores de vários caminhos e de, também, uma unicidade inaugural, percebemos que há um mar de relações possíveis a serem costuradas. As “zonas de leitura”, como coloca Barthes (1970, p. 18), são, desse modo, seleções e caminhos encontrados para se interrogar, observar e traçar relações - o que fizemos e continuaremos a fazer aqui. Então, agora, a partir da conversação nos dois sentidos entre texto e contexto, pensamos em possibilidades de sentido situadas conjuntamente em um equação onde o tempo é agente protagônico.

Reinaldo Azevedo teve ostensivo interesse e papel em se colocar como ferrenha oposição dos governos presidenciais do PT, que foram de 2003 a 2016. Em 2008, o colunista lançou um livro intitulado “O País dos Petralhas”, que foi best-seller; quatro

anos depois, em 2012, lançou “O País dos Petralhas II - O inimigo agora é o mesmo”, ambos pela editora Record. É nessa militância antipetista que Azevedo escreve a maior parte dos textos aqui trabalhados. Como no texto-centro deste artigo, em outros o PT é figura importante na construção de mundo proposta pelo colunista. Em maio de 2007, em um texto posterior do show dos Racionais MC’s na Virada Cultural de São Paulo que houve uma briga, o colunista arranja e mistura o grupo de rap e o partido. O prefeito de São Paulo na época era Gilberto Kassab, do Democratas, de direita; Azevedo defende, então, que Kassab não poderia ter chamado os Racionais para cantar, pois “o pobre não é de esquerda”; e, conclui: “As oposições brasileiras só conseguirão tirar o PT do poder no dia em que tirarem o PT de dentro de si mesmas” (2007b, s/p).

Marighella não foge de tais relações com o Partido dos Trabalhadores. Em 2012, “Marighella e Mensalão”, os dois, misturados, se justificariam por uma “causa” em comum, uma luta das “forças populares (...) contra inimigos terríveis e poderosos”; que Azevedo define como “a justificação do crime” (2012b, s/p). Já em setembro de 2016, mesmo com Dilma Rousseff já deposta da Presidência, a cruzada contra o legado ou o suposto aparelhamento que o governo petista teria feito ainda existia. Marighella, descrito no texto em questão como “terrorista (...) preferido de três entre três ignorantes de esquerda” (AZEVEDO, 2016, s/p), é evocado pelo colunista por causa de um processo do Ministério Público Federal contra um infiltrado pela ditadura na ALN que poderia ser responsável pela morte de guerrilheiros da organização. O texto tem como título - e ideia central - “MPF vai gastar nosso dinheiro de novo tentando fazer o terrorismo de Marighella parecer democracia”.

Outro ponto que o colunista por vezes abordou foi a Comissão Nacional da Verdade (CNV), instaurada por Dilma Rousseff e que teve seus trabalhos de maio de 2012 a novembro de 2014, e a Comissão da Anistia, fundada em 2001. Sobre a CNV, Azevedo discorreu que ela “tentou esconder do país” que “as esquerdas mataram 119 pessoas, e 19 delas foram assassinadas antes do AI-5” (2018a, s/p). Ao fim do texto, o jornalista diz que essas pessoas não teriam “nem mesmo direito à memória”, e que “foram apagadas da história pela Comissão da Verdade”. Diferente dos “facínoras Carlos Marighella e Carlos Lamarca”, cujas famílias recebem indenização e “o terrorista é alçado ao panteão dos heróis” (AZEVEDO, 2018a, s/p).

Em texto de novembro de 2012, enquanto a CNV trabalhava, Azevedo escreve um texto-resposta a uma leitora. O colunista diz que as vítimas de Marighella foram “tornadas anônimas”, pois “a Comissão da Verdade não quer saber que nome tinham” - “eram meros coadjuvantes da ‘narrativa’ estrelada por aquele cavaleiro sem mácula” (AZEVEDO, 2012b, s/p). Um ano antes, dizia que a Comissão da Anistia homenagearia o “terrorista” e iria indenizar sua família com o que poderia ser uma “grana polpuda” (AZEVEDO, 2011, s/p). De volta a 2018, o jornalista chama as indenizações de “Bolsa Ditadura”, fazendo alusão ao programa social petista Bolsa Família: “Se vocês forem procurar, muitos homicidas estão na lista dos indenizados do Bolsa Ditadura, beneficiados por sua suposta ‘luta em favor da democracia’” (AZEVEDO, 2018a, s/p). No mesmo texto, sugere que o número de mortos pela ditadura é “um total provavelmente inflado” por conta da quantidade de desaparecidos que a CNV chegou.

O interesse do colunista por Marighella e Brown foi diminuindo com o passar dos anos. Dos 13 textos localizados, somente dois se posicionam desde a corrida eleitoral de 2018 pela Presidência do Brasil. Mais do que isso, um desses dois textos insere-se justamente na semana do segundo turno, entre Jair Bolsonaro (PSL) e Fernando Haddad (PT). No UOL, em texto intitulado “Em comício de Haddad, Mano Brown critica PT: ‘não conseguiu falar a língua do povo’”, Azevedo traz na íntegra o discurso do rapper sobre a falta de comunicação do PT e os reflexos disso. Dessa vez, sem qualquer chacota ou ironia que remeta Brown à burrice. Não há nenhum juízo de valor sobre o rapper nem sobre sua fala. Aqui, Brown é citado normalmente com “disse o cantor” e descrito apenas como “o rapper Mano Brown” (AZEVEDO, 2018b, s/p).

O outro texto é também sobre o membro dos Racionais. A raça que não foi tensionada até 2023 agora aparece em vídeo publicado no canal de Reinaldo Azevedo no *YouTube*, em abril de 2023. Depois de outros sete textos - seis destes críticos a Brown -, pela primeira vez o jornalista encara o rapper enquanto homem negro e que aborda questões raciais em suas produções, mesmo que Brown faça isso desde o começo dos Racionais MC's. Em vídeo cujo título é “Igor 3K após papo com Mano Brown e a reflexão nas pautas raciais”, o jornalista aparece entrevistando o apresentador do Flow Podcast. Reinaldo Azevedo que pauta a questão na conversa, ao citar Silvio Almeida e dizer que Igor “pode ser preto” (AZEVEDO, 2023, 03:50). O entrevistado responde dessa questão ainda ser confusa para ele, mas resgata a entrevista que

concedera para Brown no podcast “Mano a Mano”, onde passou a refletir sobre o tema. Azevedo não cita o nome do rapper em nenhum momento, mas na descrição do vídeo aparece que “após uma conversa com Mano Brown no podcast Mano a Mano (...) foi instigado a entender mais sobre suas próprias raízes”.

Já Carlos Marighella, mesmo com um filme lançado em 2019 e veiculado pela maior empresa de telecomunicações do Brasil, a Rede Globo, adormeceu nos textos do jornalista. A “mistificação em curso” do guerrilheiro, que Azevedo dizia existir por meio da Comissão da Anistia e da Comissão da Verdade (AZEVEDO, 2012b, s/p), não interessou mais o colunista. Há uma ausência de Marighella desde o texto de maio de 2018, mesmo que o nome do guerrilheiro tenha ficado em grande evidência a partir da produção do longa-metragem dirigido por Wagner Moura. O diretor, inclusive, pode ser uma das explicações para o silêncio do jornalista. Em 2016, o filme foi citado por Azevedo. Depois de dizer que Marighella defendia “ações violentas em hospitais”, o jornalista ironizou “Wagner Moura vai dirigir um filme sobre esse moralista” (2016, s/p). O ator e diretor era de interesse do colunista pelo menos desde 2013, quando criticou-o dizendo que havia incorporado definitivamente o papel de “Capitão Nascimento das causas politicamente corretas”⁶.

O silêncio, ainda, pode vir de uma batalha judicial perdida pelo jornalista para Wagner Moura em junho de 2019⁷. No entanto, a tarefa de traçar “porquês” da diminuição de publicações sobre Marighella e Brown, que faziam parte de algumas das cruzadas que Azevedo tinha, é menos relevante do que entender, aqui, os próprios movimentos textuais do jornalista. É fundamental entender a mutabilidade dos sujeitos - estes, ao longo de experiências e do tempo, se transformam e se modificam, podendo discordar do que um dia acreditavam. Azevedo admite mudanças nesse sentido, como quando diz em entrevista de 2021 que o impeachment de Dilma Rousseff, em 2016, que ele havia defendido à época, tinha sido “um erro”⁸.

⁶ “Caetano, Wagner Moura, Jean Wyllys e Chico Alencar se acham democratas? Então vamos ver o que eles pensam sobre o regime democrático e o Parlamento”, texto de Reinaldo Azevedo na Veja, em 26 de março de 2013. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/oslO5>>. Acesso em 25 jun. 2023.

⁷ “Wagner Moura vence ação de R\$ 80 mil por danos morais contra Reinaldo Azevedo”, matéria de Felipe Pinheiro no UOL, em 27 de junho de 2019. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/rAGM5>>. Acesso em 26 jun. 2023,

⁸ Declaração dita aos 38:57 em entrevista ao Opera Mundi, em 26 de fevereiro de 2021. Disponível em: <<https://www.youtube.com/live/VNhHe8Yk-E8?feature=share>>. Acesso em 26 jun. 2023.

Porém, neste artigo, importou-se buscar as ações textuais de Reinaldo Azevedo sobre Carlos Marighella e Mano Brown, encontrando períodos de maior interesse pelo rapper - como 2007, a partir do show dos Racionais na Virada Cultural e da entrevista de Brown no Roda Vida -, e os anos de 2010 à 2012, onde Marighella esteve mais em pauta - em um que Brasil que vivenciara a primeira eleição de uma mulher que foi guerrilheira na ditadura civil-militar e que instaura a CNV. As similaridades em tom continuam desses períodos até 2018, apesar da recorrência diminuir. A partir de então, mesmo com o guerrilheiro sendo assunto relevante do debate público brasileiro pelo lançamento do filme de Wagner Moura e suas discussões, e mesmo com Mano Brown comandando um dos maiores podcasts do Brasil desde 2021, os dois foram afastados das palavras - e das falas - de Reinaldo Azevedo.

A ausência de textos é também uma ausência de reparação e compensação do dito anteriormente - que ainda permanece no ar para leitura. Se agora há uma diminuição - ou mesmo um abandono total - das percepções do jornalista que criminalizavam Marighella e Brown, tais noções, quando construídas na sociedade, não se rompem em uma linearidade, mas se alocam em constantes sobreposições nas temporalidades e contextos. Assim, mesmo que esse abandono de Azevedo signifique, ou não, um arrependimento, a ausência de textos que rememorem o que já foi dito de forma insistente é uma ação de esquecimento que caminha - para ficar em algo que Azevedo tinha bastante interesse - por uma falta, ou recusa, de uma indenização intelectual para o guerrilheiro e o rapper.

CONSIDERAÇÕES

Encontrou-se, neste trabalho, movimentos de recorrência, de continuidade e de transformação nos dizeres de Reinaldo Azevedo sobre Marighella e Brown. Mixados no texto-centro de 2012, as duas figuras foram evocadas em constância por alguns períodos e, posteriormente, na proximidade da contemporaneidade, adormeceram nos textos do jornalista. Há uma ruptura de dizeres sobre o rapper paulistano que reclinavam em colocá-lo como desinteligente e primitivo para um novo momento onde Brown é instigador de reflexão como comunicador-entrevistador. É só neste novo momento, também, que o rapper é referido como negro, mesmo que a raça fosse tema fundamental na produção do cantor, tanto nas músicas quanto em entrevistas. No entanto, Azevedo

mesmo se vangloria nos textos de nunca ter ouvido “um troço chamado Racionais MCs” e que nunca ouviria (2007a, s/p). Reforça, ainda: “Eu nunca ouvi essa porcaria”, e chama de “esse lixo” (AZEVEDO, 2007b, s/p). Assim, de fato, na recusa elitista-racista de sequer ouvir uma obra de arte feita pela periferia, não tinha como Azevedo saber do que se tratava. Deve ter se surpreendido quando descobriu que ali já tinha a potência “instigadora” do rapper.

Marighella é marca desse esquecimento político do jornalista. O guerrilheiro não mudou, pragmaticamente, durante as décadas de produção textual de Azevedo, afinal, nem poderia, fora assassinado pelos agentes do Estado em 1969. Contudo, o “arrancador de pernas” (AZEVEDO, 2012a, s/p), o sujeito violento, terrorista e assassino descrito por Reinaldo Azevedo, desapareceu na hora que mais foi visto, quando seu nome foi mais discutido na redemocratização brasileira. Em texto referente aos trabalhos da CNV, Azevedo diz: “As omissões sobre a vida e a obra de Marighella servem ao presente” (2012b, s/p); e, de fato. As omissões sobre a vida e a obra de Marighella servem ao presente, à um ideário que procura justificar as violências praticadas pelo Estado contra determinados recortes da sociedade, estes, periféricos e revolucionários, que lutam pela emancipação coletiva na arte ou na guerrilha.

REFERÊNCIAS

AZEVEDO, R. Por que um certo Mano Brown é superior a Cristo. *Veja*, 9 fev. 2007. Disponível em: <encurtador.com.br/jkBCX>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R. Os Racionais MC's, a baderna e o nosso Sarkozy. *Veja*, 7 maio 2007. Disponível em: <<https://11nq.com/vifvc>>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R. A pluralidade e a revolução dos idiotas. *Folha de S. Paulo*, 7 out. 2007. Disponível em: <<https://11nk.dev/WqP9a>>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R.. Todas as pessoas mortas por terroristas de esquerda 2 - Muitas de suas vítimas eram pessoas comuns: só tiveram a má sorte de cruzar com esquerdista. *Veja*, 12 jan. 2010a. Disponível em: <<https://encr.pw/jvx54>>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R. Ah, não! Fala de Mano Brown é coisa de mocinha; enfezado da cara feia tem de ter coragem de fazer apologia do crime. *Veja*, 20 dez. 2010b. Disponível em: <<https://11nq.com/DglXj>>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R. Se você não conhece a história de Orlando Lovecchio, vai conhecer agora. É um enredo em que a vítima é punida, e o bandido, beneficiado. *Veja*, 5 dez. 2011. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/pqDQV>>. Acesso em 25 jun. 2023,

AZEVEDO, R. Mano Brown, o maior intelectual da esquerda contemporânea, celebra Marighella, o arrancador de perna e defensor do assassinato de inocentes. *Veja*, 21 maio 2012. Disponível em: <<https://encr.pw/M1Ppe>>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R. Resposta a uma professora de história que achou que poderia me esculhambar. Ou: O que liga a anistia a Marighella aos criminosos do mensalão. *Veja*, 12 nov. 2012. Disponível em: <<https://encr.pw/jv5AP>>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R. Lobão descasca Mano Brown, Dilma, o PT e mais um pouco. E acontece o óbvio: vira alvo da Al Qaeda eletrônica nas redes sociais. *Veja*, 2 maio. 2013. Disponível em: <<https://l1nq.com/ri8NP>>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R. MPF vai gastar nosso dinheiro de novo tentando fazer o terrorismo de Marighella parecer democracia. *Veja*, 14 set 2016. Disponível em: <<https://encr.pw/MZ1eR>>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R. O que a Comissão da Verdade tentou esconder do país? As Esquerdas mataram 119 pessoas, e 19 delas foram assassinadas antes do AI-5. *UOL*, 14 maio 2018. Disponível em <<https://acesse.one/Eosnm>>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R. Em comício de Haddad, Mano Brown critica PT: "não conseguiu falar a língua do povo". *UOL*, 24 out. 2018. Disponível em: <<https://l1nk.dev/Wu1Y1>>. Acesso em 30 maio 2023.

AZEVEDO, R. Igor 3K após papo com Mano Brown e a reflexão nas pautas raciais | Cortes do Reversa. YouTube, Reinaldo Azevedo, 10min, 5 abril 2023. Disponível em <<https://youtu.be/goMgFx0YQl8>>. Acesso em 30 maio 2023.

BAGNO, M. Preconceito linguístico. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

BAR essa THES, Roland. S/Z. Paris: Éditions du Seuil, 1970.

BROWN, M. Gregorio Duvivier. Podcast, Spotify, Mano a Mano, 114min. 27 out. 2023,.

DUTRA, P. Racionais MC's, Marighella e o branqueamento do Brasil. SEÇÃO TEMÁTICA: Literatura além do livro • *Estud. Lit. Bras. Contemp.* (59), 2020.

GASPARI, E. A ditadura escancarada. São Paulo: Companhia das Letras, 2002.

MAGALHÃES, M. Marighella: o guerrilheiro que incendiou o mundo. Editora Companhia das Letras. 2012. Disponível em: <<https://encurtador.com.br/iNSX7>>. Acesso em 25 jun. 2023.

MBEMBE, A.. Crítica da razão negra. São Paulo: n-1 edições, 2018.

NASCIMENTO, G. Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo. Belo Horizonte, Letramento, 2019.

RIBEIRO, A.P.; MARTINS, B.; ANTUNES, E. Linguagem, sentido e contexto: considerações sobre comunicação e história. Porto Alegre: Revista Famecos, 2017.